DE

Buonaparte

E DOS

BOURBONS,

E DA

Necessidade de nos unir-mos aos nossos legitimos Principes,

PARA A FELICIDADE DA FRANÇA,

E DA EUROPA.

POR

F. A. DE CHATEAUBRIAND.

TRADUZIDO EM LINGUAGEM

POR

UMA SENHORA PORTUGUEZA.

LONDRES:

IMPRESSO POR W. LEWIS, EM ST. JOHN'S-SQUARE.

1814.

1
K10

PREFACIO DO AUTHOR.

Ha tres, ou quatro, mezes, que eu tinha principiado esta obra; porem os acontecimentos se anticipárão ás minhas esperanças; chego tarde e folgo muito com isso. Portanto muitas passagens deste opusculo não serão applicaveis ao estado politico actual; mas ainda quando não servisse senão para augmentar nosso odio á tyrania de que sahimos, e unir-nos mais estreitamente ao governo que se nos restitue, parece-me não ser absolutamente inutil a sua publicação.

DE

BUONAPARTE

E DOS

BOURBONS.

NÃO jamais acreditarei que escrevo sobre o tumulo da França: eu não posso persuadir-me, que depois do dia da vingança se nos não siga o da misericordia. O antigo patrimonio dos Reis Christianissimos não pode ser devidido: este reino que Roma expirante produzio no meio das suas ruinas como ultimo esforço da sua grandeza não será anniquilado. Os acontecimentos que nós presenciamos não são obra só dos homens: a mão da Providencia opéra visivelmente em tudo isto: o mesmo Deos marcha claramente á frente dos exercitos, e preside ao conselho dos Reis. Como se poderá explicar sem a intervenção divina, tanto a prodigiosa elevação, como a queda ainda mais prodigiosa daquelle, que há pouco calcava o mundo a seus pés? Não ha quinze mezes, que elle estava em Moscow, e agora estaõ os Russos em Paris; tudo tremia

debaixo das suas leis desde as columnas de Hercules até ao Causaso, e agora anda fugitivo, vagabundo, e sem azilo: o seu poder se espraiou como o fluxo do mar, e recuou como o refluxo.

Como se poderá dar a rasão dos erros deste insensato? Dos seus crimes ainda nós naõ fallamos.

Uma revolução preparada pela corrupção dos nossos costumes, e desvarios do nosso espirito, arrebentou entre nós. Em nome das leis derriba-se a religiaõ, e a moral; fazemos pedaços os tumulos dos nossos avós; abandonamos a experiencia; damos de mão aos costumes de nossos pays, unica base solida de todo o governo; para hirmos, sobre uma razão incerta fundar, uma sociedade sem passado, e sem futuro.

Errantes no meio de nossas proprias loucuras, apagada toda a idea clara do justo, e do injusto, do bem, e do mal corremos as diversas formas do governo republicano. Chamamos a infima plebe, para deliberar no meio das ruas de Paris, sobre os grandes objectos, que o povo romano discutia no *Forum* depois de ter deposto as armas, e de se haver banhado na corrente do Tibre. Entaõ se virão sahir dos seus covîs todos estes Reis seminûs, sordidos, e embrutecidos pela indigencia, desfigurados, e estropiados pelos seus trabalhos, tendo em lugar de virtude a insolencia da miseria, e o orgulho dos farrapos. E assim cahida a Patria em semelhantes maõs, em breve

se vio alastrada de chagas. Ah! que nos ficou de nossos furores, e quimeras? crimes, e cadeas.

Mas ainda assim obrava-mos entaõ em nome de uma palavra nobre, a liberdade, que não he culpada das atrocidades que em seu nome se commetterão; pois a verdadeira philosophia não he a may das doutrinás avenenadas, que os falsos sabios espalhárão. A experiencia nos instruio, e viemos por fim a sentir, que o governo monarchico era o que só cabia á nossa Patria.

Nada teria sido mais natural, do que ter chamado os nossos legitimos principes; mas os nossos grandes erros nos fizerão crer, que não mereciaõ perdaõ. Não nos lembramos que o coração de um filho de S. Luiz he hum thesoiro inexhaurivel de misericordia. Uns arreceavão perder a vida, outros as riquezas, e mais que tudo, era custoso ao orgulho humano confessar os erros. Ah! e de que servirão tantas carnicerias, destruiçoens, e infelicidades, para voltar-mos ao estado de que tinha-mos sahido. As paixoens mal aplacadas, mil generos de pertensoens não deixavão renunciar esta quimerica igualdade, causa principal dos nossos males. Grandes razoens nos impellirão; pequenas razoens nos contiverão: a felicidade publica foi sacrificada ao interesse pessoal, como a justiça o foi á vaidade.

Entaõ foi mister estabelecer um chefe supremo filho da revolução, um chefe, cuja lei corrompida na sua

origem, protegesse a corrupção, e fizesse alliança com ella. Tinhao-se formado no meio das nossas discordias magistrados inteiros, firmes, e resolutos, capitaens famosos, tanto pela sua probidade, como talentos; porem não se lhes offereceo um poder, que elles, por contrario aos seus principios, não poderião acceitar; perdidas de todo as esperanças de encontrar entre os francezes um, que ouzasse adornar a sua frente com a coroa de Luiz XVI. apresentou-se um estrangeiro, e foi escolhido.

Buonaparte não annunciou logo claramente os seus projectos. Seu caracter se desenvolveu gradualmente; e debaixo do modesto titulo de Consul foi costumando os espiritos independentes a não temerem o poder, de que elles mesmos o haviaõ investido. Elle ganhou os animos dos verdadeiros francezes proclamando-se o restaurador da ordem, das leis, e da religiaõ. Deste modo cahirão no laço os mais sabios, e forão enganados os mais perspicazes. Os republicanos viaõ em Buonaparte a sua obra, e o chefe popular de um estado livre. Os realistas antolhando-se-lhes, que elle fazia o papel de Monck davão-se pressa a servillo. Todos confiavão nelle. As brilhantes victorias devidas á intrepidez dos francezes o cercárão de gloria. Entaõ embriagado com os seus successos, principiou a mostrar a sua inclinação para o mal. Será problema nas futuras idades, se este homem foi mais culpado pelo mal que fez, se pelo bem, que pode fazer, e não fez. Nunca houve usurpador, que podesse desempenhar de um modo mais facil, e brilhante o seu

papel. Se elle tivesse tido moderação podia firmar-se, e firmar a sua dynastia sobre o primeiro throno do mundo, que ninguem lho disputava. As geraçoens nascidas depois da revolução costumadas só a ver perturbaçoens, e infelicidades não conheciaõ nossos antigos Senhores: a França, e a Europa estavão fatigadas; todos suspiravão pelo repouso, o qual comprado a todo o preço era barato. Mas Deos ordenou outra coisa; não quiz dar ao mundo taõ perigoso exemplo, consentindo que um aventureiro perturbasse a ordem das reaes successoens, invadisse as heranças dos heroes, e se aproveitasse em um só dia dos despojos do genio, da gloria, e do tempo.

Quando um usurpador não tenha por si os direitos do nascimento, só as virtudes podem ser titulos legitimos para este pertender o throno; mas Buonaparte sem nascimento, e sem virtudes só tinha por si talentos iguaes, senão inferiores aos de muitos de nossos generaes. Bastou para elle se perder abandonallo, e entregallo a Providencia á sua propria loucura. Se a boa fé (dizia um rei de França) fosse bannida da sociedade humana, seu refugio deveria ser o coração dos Reis; porem este dote necessario a uma alma real faltava mais que tudo a Buonaparte. A primeira victima, quanto se sabe, da perfidia do tyranno foi M. de Frotté, um dos chefes dos realistas da Normandia, o qual fiado em promessas, teve a nobre imprudencia de comparecer em uma conferencia aonde foi preso, e depois espingardeado. Seguio-se logo Toussant-Louverture, que atraiçoadamente preso na America,

embarcado para a Europa, foi estrangulado no Castello que lhe servia de prisão.

Em breve um assissinio mais famoso consternou o mundo civilisado: viraõ-se renovadas as scenas de barbaridade da meia idade, que hoje só se encontrão em romances, e as catastrophes, que as guerras civis da Italia, e a politica de Machiavelo fizerão triviaes para lá dos Alpes. O estrangeiro, que ainda não era rei, quiz subir ao throno da França servindo-lhe de degráo o corpo ensanguentado de um Francez. E que Francez, grande Deos! Para se commetter este crime tudo se violou: direito das gentes, justiça, religião, e humanidade. O Duque d'Enghien foi preso em paiz estrangeiro, que estava em paz com a França, e arrebatado da sua casa de campo em Offembourg. Elle tinha deixado a França em taõ tenra idade, que mal a conhecia; de dentro de uma carruagem, entre dois *gendarmes* vio, como pela primeira vez, os campos da sua Patria, famosos pelos feitos dos seus avôs, e os quaes elle atravessava para hir morrer. Chegou pelo meio da noite ao torreão de Vincennes, e á luz de tochas, nas abobedas suterraneas da prisão, o neto do grande Conde he sentenciado; por ter apparecido no campo da batalha, e convencido deste crime hereditario, he sem demora condemnado. Debalde implorou a graça de fallar a Buonaparte (oh simplicidade taõ terna, como heroica!) o valente joven era um dos maiores admiradores dos talentos militares do seu verdugo; nem podia conceber que um capi-

tão fosse capaz de assassinar um soldado. Todo extenuado pela fome, e cancaço, derão com elle em as cavernas do castello de Vincennes, aonde estava aberta de fresco uma cova; eis lhe tirão os vestidos, pendurão-lhe ao peito uma lanterna, para se enxergar em o meio das trevas, e para mais certa indireitarem a bala ao coração. Elle quer dar o relogio aos seus algozes, e lhes pede hajão de transmittir a seus amigos os ultimos monumentos da sua saudade; insultaõ-no com palavras villans: dá-se a voz de fogo; cahe o Duque d'Enghien desamparado, sem consolação, no meio da sua patria, a poucas leguas de Chantilly, e a poucos passos das arvores annosas, á sombra das quaes o Santo Rei Luiz fazia justiça a seus povos, na mesma prisão aonde esteve M. o Principe. O joven, o gentil, o valeroso, o ultimo ramo do vencedor de Rocroy morre como teria morrido o grande Condé, e como não morrerá o seu assissino. O seu corpo foi dado á sepultura ás escondidas, e Bossuet não resurgirá para recitar o seu elogio funebre.

Não resta ao que se tem degradado abaixo da especie humana por um crime, senão affectar que se acha superior á humanidade pelos seus projectos, e dar por pretexto de uma atrocidade rasoens incomprehensiveis ao vulgo, fazendo passar um abismo de iniquidade por uma sublimidade de espirito. Buonaparte recorreu ao miseravel despejo que a ninguem engana, e que não vale um simples arrependimento: publicou o que tinha feito; porque o não podia occultar.

G
K 19

Quando se ouvio apregoar em Paris a sentença de morte, ninguem pode dissimular o sentimento de horror, que por isso tinha. Com que direito (dizião entre si) vem um Corso derramar o mais bello, e o mais puro sangue da França? Pensava acaso poder substituir com a sua familia meia africana a familia franceza que acabava de extinguir? Os militares mais que todos estremecerão. O nome de Condé parecia ser propriedade, e representar por todos elles a honra do exercito francez. Sim, os nossos granadeiros tinhão muitas vezes encontrado na peleja as tres geraçoens de heroes, o principe de Condé, o duque de Bourbon, e o duque d'Enghien; tinhão até chegado a ferir o duque de Bourbon, mas a espada de um francez não podia esgotar tão nobre sangue; isto estava reservado para um estrangeiro.

Cada nação tem os seus vicios. Os dos Francezes não são, nem a traição, nem a atrocidade, nem a ingratidão: a morte do duque d'Enghien, a tortura e assissinio de Pichegru, a guerra da Espanha, eo cativeiro do Papa, dão bem a conhecer que Buonaparte não era Francez. A despeito das cadeas que nos acurvão, tão sensiveis ás infelicidades, como á gloria, demos pranto ao duque d'Enghien, Pichegru, Georges, e Moreau; temos admirado Saragossa, e rodeado de cultos um Pontifice carregado de ferros. Aquelle que privou dos seus estados o sacerdote venerando, que lhe tinha posto a coroa na eabeça; aquelle que em Fontainebleau ousou pôr as mãos sacrilegas no soberano Pontifice, e arrastou pelas cans o

pay dos fieis, pensou talvez ter alcançado uma nova victoria; ah! mal sabia elle, que ainda ficava ao herdeiro de Jesus Christo o sceptro de canna, e a coroa de espinhos, que cedo ou tarde triunfão da soberba do impio.

Tempo virá (assim o espero), em que os Francezes livres declarem por um acto solemne, que elles não houverão parte nestes crimes da tyrannia; que a morte do duque d'Enghien, o cativeiro do Papa, e a guerra de Espanha são actos impios, sacrilegos, odiosos, e mais que tudo anti-francezes, cuja vergonha só deve recahir sobre a cabeça do estrangeiro.

Buonaparte tirou partido do espanto, que sobre nós espalhou o assassinio de Vincennes, para dar o ultimo passo, e collocar-se sobre o throno. Então houverão principio as grandes saturnaes da realeza: os crimes, a opressão, e a escravidão marcharão passo a passo com a loucura. Toda a liberdade expira, todo o sentimento de honra, todo o pensamento de generosidade se inculcão como conspiraçoens contra o estado. Quem falla de virtude, he suspeito, quem louva um formoso feito, commette uma injuria contra o principe: as palavras mudão de sentido; um povo pelejando por seus legitimos soberanos tem o nome de rebelde, um traidor o de vassallo fiel; toda a França fica sendo o imperio da mentira, jornaes, folhetos, discursos, prosa, e verso, tudo mascára a verdade.

7
K10

Se he noite, dizem que he dia; se o tyranno passeava por meio de um povo silencioso, não faltava quem addiantasse, que fora no meio das aclamaçoens de um povo immenso. O unico alvo he o principe: a moral consiste em se sacrificar aos seus caprichos; e o dever em dar-lhe gabos. Mais que tudo não devia esquecer dobrar os aplausos, quando elle commettia um erro, ou um crime. Os homens de letras á força de ameaças celebrãvaõ o despota; quando compunhão suas obras capitulavão sobre o grão de louvor que lhe darião. Felizes! quando á custa de olguns lugares communs sobre a gloria das armas, compravão o direito de exhalar alguns suspiros, denunciar alguns crimes, e lembrar algumas verdades proscriptas. Nenhum livro podia sahir á luz sem trazer com o elogio de Buonaparte o cunho da escravidão: chegou a censura a ponto de fazer truncar em as novas ediçoes dos authores antigos, tudo o que nellas havião escripto contra os conquistadores, a escravidão, e a tyrannia, bem como em outro tempo o Directorio havia concebido o projecto de corrigir o que nelles dizia respeito aos reis, e á monarchia. Examinavão-se com attenção os almanachs; e a conscripção formou um artigo de fe no catecismo. Os mesmos artistas erão escravos; pois quando Buonaparte deu peçonha aos impestados de Jaffa; fez-se um quadro, em que elle com valor e humanidade, era representado, tocando os contagiados. Não era assim que S. Luiz curava os enfermos, que cheios de fé, e de religião confiavão encontrar em suas

reaes mãos o remedio a seus males. Emfim, não fallemos da opinião publica: a maxima, que vogava era que o principe devia dispor della a seu capricho. Na policia aperfeiçoada por Buonaparte havia uma junta, que tinha a seu cargo dirigir os espiritos; e o seu presidente era o director da opinião publica. A impostura, e o silencio erão os dois grandes moveis empregados para conservar o povo no erro. Quando vossos filhos morrem no campo da batalha, tão pouco caso se faz de vós, que nem se vos dá parte dos seus destinos. Os acontecimentos que mais importão á Patria, á Europa, e ao mundo inteiro, são mysterios que se vos occultão. São os inimigos chegados a Meaux, e vós não o sabeis senão pelos camponezes fugitivos; tudo são trevas que vos rodeão; zomba-se das vossas inquietaçoens, e dos vossos soffrimentos; quanto vós pensaes, e sentis he objecto de desprezo. Quereis fallar mais alto, um espia vos denuncia, um *gendarme* vos prende, uma comissão militar vos sentencéa, faz-se pedaços a vossa cabeça, e entrais no esquecimento.

Não se contentou pôr em ferros os pays, quiz até dispôr dos filhos. Virão-se mays correr dos fins do Imperio vir reclamar, lavadas em pranto, os filhos que o governo tinha arrancado do seu seio, para serem postos em escolas militares, aonde se lhes ensinava, ao som do tambor, a irreligião, a immoralidade, o desprezo das virtudes domesticas, e a cega obediencia ao soberano. A authoridade paterna, que até os mais crueis tyrannos da antiguidade respeitárão, era tratada por Buonaparte como

8
K10

abuso, e prejuizo. Elle queria fazer de nossos filhos Mamelоucks sem Deos, sem familia, e sem patria. Parece que este inimigo universal, só tinha em vista destruir a França até aos alicerces: elle tem corrompido os homens, e feito mais mal ao genero humano no curto espaço de dez annos, que todos os tyrannos de Roma juntos, desde Nero até ao ultimo perseguidor dos christãos. Os principios, que erão a base da sua administracão, passavão do governo ás difierentes classes da sociedade; porque um governo preverso introduz o vicio nos povos, como um governo sabio faz fructificar a virtude. A irreligião, o amor dos prazeres, e das despezas exorbitantes, o desprezo dos laços moraes, e o espirito de immoraes aventuras, de violencia, e de dominação descião do throno ás familias. Ah! se um tal reinado durasse por mais tempo, a França se tornãria em um covil de bandoleiros.

Os crimes da nossa revolução republicana erão obra das paixoens, que nem sempre estancão os recursos; a sociedade estava em desordem, mas não destruida; a moral offendida, mas não anniquilada; a consciencia tinha seus remorsos: um indifferentismo destruidor não confundia o innocente, e o culpado; assim as infelicidades desse tempo podião ser em breve reparadas: pelo contrario impossivel se tornava curar as feridas abertas por um governo fundado no despotismo; governo que, com a moral, e a religião na boca, destruia de continuo, por suas instituiçoes, e depreso, a moral, e a religião; governo que,

não tinha em vista fundar a ordem sobre principios de dever; mas sómente sobre os espias da policia, confundindo o estupor da escravidão com a paz de uma sociedade bem organizada, fiel aos costumes de seus pays, caminhando em silencio pela vareda das antigas virtudes. As mais terriveis revoluçoens são preferiveis a um estado tal. He verdade, que as guerras civis trazem comsigo crimes publicos; mas tambem fazem apparecer virtudes particulares, grandes talentos, e homens extraordinarios. O despotismo he a voragem que engole os imperios; e que abusando de todos os recursos, matando as almas, mais do que os corpos, cedo ou tarde traz comsigo a dissolução, e a conquista. Não ha nem um só exemplo de uma nação livre anniquilada pela guerra civil; e ao contrario se ha visto o estado curvado pelas tempestades intestinas alevantar-se mais florecente.

Não falta quem tenha gabado a administração de Buonaparte; e a verdade he, que se a boa administração consiste em algarismos, e para isto basta só saber quanto uma provincia produz de trigo, vinho, e azeite, qual he o ultimo real que se pode cobrar, o ultimo homem que se pode alistar, então sim, Buonaparte era um grande administrador; he impossivel organisar melhor o mal, e pôr mais ordem na desordem. Todavia se a melhor administração he a que dá a paz ao povo, que nutre nelle sentimentos de justiça, e de piedade, a que poupa avaramente o sangue dos homens, a que respeita os direitos do cida-

9
K16

daõ, das propriedades, e familias, por certo que o governo de Buonaparte era o peor de todos.

E ainda assim que de incoherencias no seu proprio systema! a administração a mais dispendiosa absorvia uma parte das rendas do Estado: enxames d'officiaies de fazenda devoravão os tributos, que estavão encarregados de cobrar. Qualquer pequeno administrador tinha ás suas ordens cinco, ou seis escriturarios. Buonaparte parecia ter declarado guerra ao commercio; mal nascia em França algum ramo d'industria logo delle se apossava, e em breve secava nas suas mãos. O tabaco, o sal, as lans, os generos coloniaes, de tudo isto fazia um monopolio odioso; elle se tinha feito o unico negociante do seu imperio: elle havia por combinaçoens absurdas, (ou antes por uma ignorancia, e aborrecimento decidido pela marinha), acabado de perder nossas colonias, e armadas: construia navios alterosos para apodrecerem nos portos, e ás vezes os desaparelhava para acodir ás necessidades do exercito. Cem fragatas espalhadas por todos os mares poderião fazer consideraveis damnos aos inimigos, formar marinheiros á França, proteger a marinha mercantil; mas até estas primeiras noçoens do bom senso não entravão na cabeça de Buonaparte.

Os progressos da nossa agricultura não são obra das leis agrarias de Buonaparte, mas sim da partilha das grandes propriedades, da abolição de alguns direitos

feudaes, e de algumas outras causas produzidas pela revolução. Todos os dias este homem inquieto e extravagante fatigava com decretos contradictorios, e muitas vezes impraticaveis, um povo cuja maior necessidade era o repouso; tal lei era promulgada de manhãa para ser quebrantada á tarde. Em dez annos devorou 15 milhares de impostos, quantia que excede a somma de todos os impostos no setenta annos do reinado de Luiz XIV. Os despojos do mundo, e de mil e quinhentos milhões de renda não lhe chegavão; seus cuidados erão engrossar o seu thesouro, por meio das mais iniquas medidas. Cada prefeito, cada sub-prefeito, cada *maire* tinha o direito de augmentar as taxas por entrada nas cidades, de pôr centesimos addicionaes ás villas, aldêas, e casaes, de pedir a este, ou aquelle proprietario uma somma arbitraria para tal, ou tal pertendida necessidade. Toda a França estava entregue á rapina. As infirmidades, a indigencia, a morte, a educação, as artes, as sciencias, tudo pagava tributo ao principe. A consolação que se dava a um pay de familia pela desgraça de ter um filho estropiado, coxo, incapaz de serviço, era ser obrigado pela lei da conscripção a pagar 1500 francos ao erario. Acontecia as vezes, que o enfermo conscripto morria antes de hir á revista do capitão das recrutas; assim mesmo caso havia em que o pay não era isento de pagar os 1500 francos de *reforma;* como no caso em que a declaração da enfermidade tivesse sido feita antes da morte do conscripto; pois como este se achava vivo ao momento da declaração, o pay era obrigado a contar o somma sobre o

10
K10

tumulo do seu filho. Quando o pobre queria dar educação a algum dos seus filhos, devia pagar á Universidade desoito francos, alem da pensão para o mestre. Quando um author moderno citava um antigo; como as obras deste fazião parte do que se chamava *dominio publico*, o tribunal de censura exigia cinco soldos por cada regra de citação, e só no caso em que esta fosse traducção, se pagava dois soldos e meio por cada regra de citação; pois então a citação se reputava pertencer *ao dominio mixto;* isto he, ametade pertencia ao trabalho do traductor, e a outra ametade ao author traduzido. Quando Buonaparte mandou distribuir alimentos aos pobres no inverno de 1811, cuidárão alguns que isto era generosidade feita á custa do seu bolsinho, e não o fructo dos centesimos addicionaes, que elle fez cobrar por esta occasião, e com os quaes ainda veio a ganhar quatro milhoens. Emfim chegou a apossar-se da administração dos funeraes; era digno do destruidor dos Francezes pôr um tributo aos seus cadaveres. Ah! não era possivel reclamar a protecção das leis; pois elle era quem as fazia. O corpo Legislativo ouzou fallar uma vez, mas logo foi dissolvido. Só um artigo dos novos codigos cortava pela raiz os direitos da propriedade. Em virtude delle o administrador de algum fundo podia dizer-vos: " a vossa propriedade he *dominial*, isto he, nacional. Eu a ponho provisoriamente em sequestro: correi demanda, se o fisco decahir entregarvos-hão os vossos bens." E quem era o vosso juiz neste caso? Os tribunaes ordinarios? Não: estas causas erão da competencia do Conselho

d'Estado, e se pleiteavão diante do Imperador que era juiz, e parte ao mesmo tempo.

Se a propriedade era incerta, a liberdade civil o era ainda mais. Que pode escogitar-se de mais monstruoso do que esta comissão especial, para a inspecção das prisoens? Ella tinha a seu cargo fazer um relatorio, e informação, pelo qual um prezo podia ficar toda a vida em masmorra, sem devassa, sem processo, sem sentença, podia soffrer tratos, ser espingardeado de noite, ou estrangulado entre dois postigos. Em meio de tudo isto, Buonaparte fazia nomear todos os annos comissoens para a liberdade individual, e para a liberdade da imprensa: nunca Tiberio fez tanto escarneo da especie humana.

Emfim a conscripção coroava as obras do despotismo. A Scandinavia, que por sua população um historiador chamou a *fabrica do genero humano*, escassamente forneceria homens para esta lei homicida. O codigo da conscripção será monumento eterno do reino de Buonaparte: aqui se acha reunido quanto a tyrannia pode imaginar de mais subtil, e engenhoso para atormentar, e devorar os povos: he na verdade o codigo do inferno. As geraçoens da França erão alinhadas como as arvores de um bosque regular: cada anno oitenta mil mancebos erão derribados; porem isto ainda era a morte regular: annos havia em que a conscripção era dupla, ou augmentada por levas extraordinarias, e muitas vezes devorava dante mão as victimas futuras, como um dissipador pede

emprestado sobre as rendas que ha de vencer. Emfim gastou sem conta: a idade, e as outras qualidades requeridas para se hir morrer em um campo de batalha não erão mais tidas em contemplação; e a lei a este respeito era mais que muito indulgente. Ora se subia á infancia; ora se descia á velhice: os que tinhão sido reformados, ou havião dado homem por si, erão de novo alistados; filho houve de pobre artista, que tendo dado até tres homens por si á custa da mesquinha fortuna de seu pay, assim mesmo foi obrigado a servir. As infirmidades, os achaques, os defeitos fizicos não erão titulos para a resalva. Columnas movediças esquadrinhavão as nossas provincias como se fosse um paiz inimigo, para arrancar aos povos os seus ultimos filhos. Quando alguem se queixava por estas destruiçoens, respondião-lhes que estas columnas movediças erão compostas de bem apessoados *gendarmes*, que consolarião as mays e lhes resarcirião as suas perdas. Quando faltava o irmão ausente, pegava-se no irmão presente. O pay era responsavel pelo filho, a mulher pelo marido: e esta responsabilidade abrangia os parentes mais remotos, e até se estendia aos visinhos. Uma aldea estava obrigada *in solidum* pelo conscripto que dalli era natural. Aboletavão-se os soldados em casa do paisano, e o obrigavão a vender até a propria cama para os sustentar, em quanto elle não achava o conscripto que se havia escondido nos bosques. Casos havia em que o absurdo vinha junto com a atrocidade, quando se procurava pelos filhos a quem era feliz, por não ter posteridade: ás vezes servião-se de violencia para

achar um sujeito de um nome que só existia na lista dos *gendarmes*, ou um conscripto que era ja soldado havia cinco, ou seis annos. Chegou-se a dar tratos a mulheres prenhes, para dizerem aonde estava escondido o primogenito das suas entranhas; houverão pays que para provar a morte dos seus filhos forão obrigados a desenterrallos, e mostrar os seus cadaveres. Por fim havia ainda algumas familias, que por suas riquezas conseguirão resgatar os filhos destinados para um dia serem magistrados, administradores, sabios, proprietarios, taõ uteis á ordem social em um vasto imperio; mas veio o decreto que criou as guardas de honra, e os envolveo na carniceria universal. Era tal o desprezo com que se tratava os homens, e a França, que os conscriptos se chamavão *materia prima, e o acougue das peças d'artilharia.* Muitas vezes entre os encarregados de fornecer a carne humana, se movia a questaõ, de quanto tempo durava um conscripto; uns dizião que trinta mezes, outros que tres onnos. O mesmo Buonaparte dizia: *Eu tenho* 300.000 *homens de renda.* Nos onze annos do seu reinado tem feito perecer mais de cinco milhoens de Francezes, numero muito superior aos que morrerão em tres seculos, por causa das guerras civis nos reinados de João, e Carlos V., Carlos VI., Carlos VII., Henrique II., Francisco II., Carlos IX., Henrique III., e Henrique IV. Só nos doze mezes proxime passados, Buonaparte levantou (sem contar a guarda nacional), um milhão trezentos, e trinta mil homem, isto he, mais de cem mil homens por mez; e ainda assim houve quem se

12,
K10

atraveo a dizer-lhe, que elle apenas tinha despendido o luxo da população.

Facil era de prever o que aconteceu: todos os homens de senso dizião que a conscripção, esgotando a França, a exporia a ser invadida logo que fosse atacada com vigor. Este corpo, exhaurido de todo o sangue, resistio fracamente; mas o maior mal que fazia a conscripção não era a perda de gente; o peor era que nós, e a Europa inteira tornava-mos á antiga barbaridade. A conscripção dava o golpe de mortê aos officios, artes, e letras. Um mancebo que devia morrer aos dezoito annos não podia dar-se ao estudo. As naçoens visinhas obrigadas em sua defeza a fazer o mesmo que nós, abandonavão tambem as vantagens da civilisação; e todos os povos, precipitados uns após outros, como em o seculos dos Godos, e Vandalos, hião ver renovadas as infelicidades daquelles tempos. Quebrando os laços da sociedade, a conscripção aniquilava tambem os de familia: costumados desde o berço a ter-se em conta de victimas sacrificadas á morte, os filhos não obediciaõ aos pays, faziaõ-se effeminados, vagabundos, extravagantes, esperando o dia em que fossem roubar, e degolar pelo mundo. Que principios de religiaõ, ou de moral teriaõ tempo de se arreigar naquelles coraçoens? De outro lado, os pays, e as mays, na classe do povo, nem faziaõ o objecto de sua affeição, nem de seus cuidados filhos que elles contavão perder, os quaes não tinhaõ de ser o seu arrimo, e que só para elles erão ob-

jecto de dor, e um pezo. Daqui nasce esta dureza d'alma, este esquecimento de todos os sentimentos naturaes, que vai parar no egoismo, no pouco caso que se faz do bem, e do mal, e na indifferença pela patria; e que apaga a consciencia, e os remorsos, sacrificando um povo á escravidão, tirando-lhe o horror do vicio, e a admiração da virtude. Eisaqui a administração interna de Buonaparte.

Examinemos agora a sua politica para com os estrangeiros; politica de que elle tanto se gababa, e que na sua boca, não era mais do que a arte de *jogar com homens.* Ah! elle tem perdido tudo a este jogo abominavel, e a França pagou a perda. Começando pelo seu systema continental; systema de um louco, ou de uma criança, he certo que este não era o verdadeiro fim, mas só o pretexto das suas guerras. Fallava de continuo em a liberdade dos mares, e só tinha em vista fazer-se senhor dos continentes; mas nem ainda empregou os meios proprios para firmar o seu louco systema. Dois grandes erros, que fizerão abortar os seus projectos quanto á Espanha, e á Russia, forão causa de elle não ter podido fechar os portos do Mediterraneo, e Baltico. Elle entregou aos Inglezes todas as colonias do mundo. Abrio-lhes no Peru, Mexico, e Brazil uma escala mais consideravel, do que aquella que lhes queria fechar em Europa. O certo he, que a guerra enriquiceo um povo que elle queria arruinar. A Europa apenas consomme algum superfluo da Inglaterra; a maior parte das naçoens europeas acodem com as suas

13
K19

proprias manufacturas ás suas primeiras necessidades. Os povos da America, pelo contrario, tem necessidade de tudo para se vestirem; e dez milhoens de Americanos consommem mais mercadorias Inglezas, do que trinta milhoens de Europeos, sem fallar da importação da prata do Mexico em as Indias, monopolio do cacáo, da quina, cochenilha, e de mil outros objectos de especulaçaõ, nova fonte de riquezas para a Inglaterra.

Supponhamos agora que Buonaparte conseguia fechar os portos da Espanha, e do Baltico, faltava-lhe fechar os da Grecia, Constantinopla, Sciria, e Barbaria: seria emprehender conquistar o mundo. Em quanto elle procurasse novas conquistas, os povos ja conquistados, vendo-se na impossibilidade de trocar os productos do seu terreno, e industria, sacudirião o jugo, e abririão de novo os seus portos. Eisaqui vistas falsas, emprezas pequenas á força de serem gigantescas, falta de razão, e de bom senso, sonhos de um louco, e de um furioso.

Pelo que toca ás suas guerras, e procedimentos com os gabinetes da Europa, o menor exame faz desapperecer o prestigio. Um homem não he grande pelas suas emprezas, mas sim pela execução dellas. Todo o homem pode sonhar a conquista do mundo, mas só Alexandre a conseguio. Buonaparte governava a Espanha como uma provincia, cujo ouro, e sangue elle enxugava. Não se contenta com isto quer assentar-se sobre o throno de Carlos IV. E que faz? Com a politica a mais atroz,

começa por semear a divisão na familia real, que depois roubou, calcando todas as leis divinas e humanas; logo depois invadio o territorio de um povo fiel que acabava de combater por elle em Trafalgar, insulta o caracter deste povo, degola os seus sacerdotes, offende o orgulho castilhano, e levanta contra si os descendentes do Cid, e do Grande Capitaõ. Logo Saragossa celebra a missa de suas proprias exequias, e sepulta-se debaixo das suas ruinas; os christaõs de Pelagio descem das Asturias; e o novo mourisco he deitado fora. Esta guerra reanima na Europa o espirito dos povos, obriga a França a deffender mais uma fronteira, dá um exercito aos Inglezes, e os traz de novo aos campos de Poitiers, que não tinhão visto havia quatro seculos; e emfim mette em suas mãos os thesouros do Mexico.

Se em vez de recorrer a estes ardis dignos de Borgia, Buonaparte, por uma politica igualmente criminosa, mas mais abil, tivesse, subqualquer pretexto, declarado a guerra ao Rei de Espanha, annunciando-se como vingador dos Castilhanos opprimidos pelo Principe da Paz; se elle tivesse acarinhado a soberba espanhola, e respeitado as ordens religiosas, he provavel que seus fins se cumprissem. "Não são os Espanhoes que eu dezejo," dizia no meio dos seus furores, "he a Espanha." Bem está! esta terra o lançou de si. O incendio de Burgos produzio o de Moscow, e a conquista de Alhambra levou os Russos ao Louvre. Grande e terrivel lição!!

14
K10

Em Russia commetteo os mesmos erros; se elle em Outubro de 1812 fizesse alto nas margens do Duna, e se contentasse com tomar Riga, desse quarteis de inverno aos seus seis centos mil homens; e á sombra destes organizasse a Polonia; á volta da primavera teria posto em perigo o imperio dos Czars: nada disto fez, parte direito a Moscow por um só caminho, sem armazens, sem recursos: mas enfim chega; porem os vencedores de Pultava entregão ás chamas sua cidade santa. Buonaparte dorme um mez em meio de cinzas, e ruinas; parece esquecer-se das voltas das estaçoens, e do rigor do clima; entretem-se com proposiçoens de paz; e mostra-se tão ignorante do coração humano que dá inteiro credito a povos, que por suas proprias mãos pegarão fogo á sua capital; e que para escapárem á escravidão fazem propostas de paz sobre as ruinas fumantes das suas casas. Os generaes gritão a Buonaparte, que he tempo de se retirar. Elle parte emfim, jurando como uma criança furiosa, que em breve tornaria a vir com um exercito, que *só na vanguarda levaria trezentos mil soldados.* Deos manda um sopro da sua colera; tudo perece; não volta senão um homem!

Temo-lo visto absurdo em administração, criminoso em politica, então que qualidade tinha este estrangeiro para atrahir os francezes? sua gloria militar? concedemos: mas já está della despojado. Com effeito he um grande vencedor de batalhas; mas tirado isto, o menor general he mais habil do que elle. Elle não sabe fazer as suas

15
K10

retiradas, nem a guerra de postos: he impaciente, e incapaz de esperar por muito tempo um resultado, fructo de um longo plano militar; não sabe senão hir para diante, dar a vanguarda ás tropas estrangeiras, correr, alcançar victorias, á *força de homens*, sacrificar tudo por uma só vantagem, sem fazer caso de um revez; e matar ametade do seu exercito por marchas extraordinarias. Isso pouco importa: lá lhe fica a sua conscripção, que he a *materia prima*. Pensárão que elle aperfeiçou a arte da guerra; pelo contrario fella retrogadar á sua infancia. O primor da arte militar entre os povos civilisados, he sem duvida defender um grande paiz com um pequeno exercito; deixar repousar muitos milhares de homens cubertos por sessenta, ou oitenta mil soldados, de maneira que o lavrador cultivando em paz os seus campos, saiba apenas que ha combates a algumas legoas do seu casal. O imperio romano só tinha em guarniçoens cento e cincoenta mil homens, e Cesar em Pharsalia tinha poucas legioens. Porque não vem esse vencedor do mundo defender-nos em nossos lares? Como! todo o seu genio o desamparou de repente! Porque prestigio esta França que Luiz XIV. cercou de fortalezas, e que Vauban fechou, como um bello jardim, está de todas as partes invadida? Que he das guarniçoens das praças fronteiras? Não as tem. Onde está a artilharia dos seus baluartes? Tudo está desarmado, até os navios de Brest, de Toulon, e Rochefort. Na verdade se Buonaparte quizesse de propozito entregarnos sem defeza em o poder dos alliados, se nos tivesse vendido, se tivesse conspirado em segredo

15
K10

contra os Francezes, não se teria havido de outra sorte. Em menos de dezeseis mezes, dois milhares de numerario, um milhão e quatro centos mil homens, todos os petrechos e aprestes dos nossos exercitos, e praças, tudo foi engolido nos bosques da Allemanha, e desertos da Russia. Em Dresde Buonaparte commette erros sobre erros; esquecido de que, se os crimes não são ás vezes punidos senão em o outro mundo, os erros nunca deixão de o ser neste. Mostra a mais incomprehensivel ignorancia do que se passa nos outros gabinetes, obstina-se a ficar sobre o Elbo; e derrotado em Leipsick, ainda assim recusa a paz honrosa que lhe offerecerão. Todo entregue á desesperação, e á raiva sahe pela ultima vez do palacio dos nossos reis, vai pôr fogo, por espirito de justiça e de ingratidão áquella mesma villa aonde estes mesmos reis tiverão a desgraça de o educar. Não oppoẽ a seus inimigos senão actividade sem plano, soffre um revez decisivo, torna a fugir, e livra emfim a capital do mundo civilisado da sua odiosa presença.

A penna cahe da mão a um Francez quando se propoe a pintar o horror dos campos de batalha de Buonaparte; um ferido era para elle um pezo; se morria muito melhor, que ficava livre delle: montes de soldados mutilados, lançados confusamente para um canto, ficão ás vezes dias e semanas sem serem tratados: todos os hospitaes são pequenos para um exercito de sete, a oito centos mil homens, nem ha cirurgioens bastantes para os curar. Para estes doentes não tinha o verdugo dos Francezes

tomado precauçoens algumas: nada de remedios, nada de hospitaes volantes; e até ás vezes faltavão instrumentos para cortar os membros espedaçados. Na campanha, de Moscow por falta de fios curávão-se os doentes com feno: faltou o feno, e morrerão. Virão-se andar errantes seis centos mil guerreiros, vencedores da Europa, e gloria da França, por entre as neves e desertos, encostados a ramos de pinheiros; porque já não tinhão força para sustentar as armas, e não tendo outro vestido senão a pelle escorrendo em sangue dos cavallos que tinhão sido o seu ultimo alimento. Capitães veteranos, com os cabellos, e as barbas erissados com gelo, se abatião até a acariciar o saldado, ao qual ainda restava algum sustento, para delle obter uma mesqnina parte: tanto a fome os atormentava! Esquadroens inteiros, homens e cavallos, gelavão durante a noite; e ainda de manhãa se vião estes phantasmas em pé no meio da geada. As unicas testemunhas dos padecimentos dos nossos soldados nestas solidoens, erão bandos de corvos, e matilhas de galgos brancos meios selvagens, que seguião o nosso exercito para lhe devorar os cadaveres. O Imperador da Russia na primavera mandou procurar os corpos mortos; e contarão-se mais de cento e sessenta mil: só em uma fogueira se queismárão vinte e quatro mil.

A peste que lavra nos exercitos, mas que tinha desapparecido, por se fazer a guerra com pouca gente, tornou a apparecer com a conscripção, exercitos de um milhão de soldados, e rios de sangue humano. E que fazia

16
K10

então o destruidor dos nossos pays, irmãos, e filhos, quando elle por este modo ceifava a flor da França? fugia! vinha ás Tuilleries dizer, esfregando as mãos ao fogo: " *Isto por aqui sempre he melhor, do que pelas margens do Beresina.*" Nem uma só palavra de consolação ás espozas, e mays que o cercavão lavadas em pranto; nem uma só saudade, nem um só movimento de ternura, nem um remorso, nem uma só confissão da sua loncura. " A maior felicidade nesta retirada," dizião os Tigellinos, " he que nada faltou ao Imperador, teve sempre muito e muito que comer, andou agasalhado em uma boa carruagem; emfim não padeceo, he uma grande consolação;" então elle no meio da sua corte, mostrava-se alegre, triumfante, glorioso, ornado com o manto real, e com o chapeo a Henrique IV; alardeava-se brilhante sobre o throno, repetindo as posturas reaes que lhe havia ensinado Talma; mas esta pompa só servia a afeálo mais; e todos os diamantes da coroa não podião disfarçar o sangue de que estava coberto.

Ahi! este horror dos campos da batalha se avisinhou de nós; ja não está só occulto nos desertos: he no seio dos nossos lares que o vemos, e nesta mesma Paris, que os Normandos cercarão de balde, há perto de mil annos, e que tinha a vaidade de só ter sido vencida por Clovis que despois foi seu rei. Não he o maior, e o mais imperdoavel dos crimes entregar um paiz á invasão? A' nossa vista tem perecido o resto das nossas geraçoens; e vimos rebanhos de conscriptos com soldados veteranos

todos palidos e desfigurados, encostados pelas esquinas das ruas, morrendo com toda a casta de miseria podendo apenas com uma de suas mãos sustentar a arma com que tinhão defendido a patria, e com a outra pedindo esmolas; vimos o Sena cheio de barcas carregadas, e os caminhos entolhados de carros cheios de feridos, que nem tinhão o primeiro curativo. Um destes carros (que se podião seguir pelos vestigios e rastos de sangue) quebrou-se sobre o boulevard. Delle cahirão conscriptos sem braços, e sem pernas atravessados de balas, e lançados espalhando gritos, e pedindo aos que passavão, que os acabassem de matar: estes infelizes arrancados dos seus casaes antes de terem chegado á puberdade, levados com as suas caraças, e com os seus vestidos campestres para o theatro da batalha, postos como *açougue da artilharia*, nos lugares mais perigosos paras nelles se empregar todo o fogo do inimigo; estes infelizes, dizemos, se punhão achorar, gritando quando cahião atravessados pelas balas. Ah! minha may! minha may! grito que partia as entranhas, e mostrava a idade tenra do moço arrancado na vespera á paz domestica; deste filho cahido das braços da may em os de seu barbaro soberano! E por amor de quem soffremos nós tanta mortandade, e tanto padecer? por um abominavel tyranno, por um Corso, por um estrangeiro, que he tão prodigo do sangue francez; porque nem uma só gota deste circula em suas vêas.

Ah! quando Luiz XVI. recusava punir alguns culpados, cuja morte o teria firmado sobre o throno poupando-

17
K10

nos tantas infelecidades; quando dizia, " eu não quero comprar a minha segurança á custa da vida de um só de meus vassallos; quando escrevia em o seu testamento, recommendo a meu filho, se algum dia tiver a desgraça de vir a ser rei, de tomar conta em que elle se dê todo á felicidade dos seus concidádãos, que elle deve esquecer todas as raivas e escandalos, principalmente o que he relativo ás infelicidades e aflicoens que eu experimento, cuide muito em que elle não pode fazer a ventura dos seus povos senão reinando conforme as leis;" quando sobre o cadafalso pronunciava estas palavras: " Francezes rogo a Deos que não vingue em a nação o sangue de vossos reis que vai correr." Eisaqui o verdadeiro rei, o rei francez, o rei legitimo, o pay, e o soberano da patria!

Buonaparte se houve na infelicidade com muito pequeno animo para se acreditar, que a sua prosperidade fosse obra do seu genio; elle não he senão o filho do nosso poder, e nós o julgavamos filho das suas obras. Sua grandeza veio só das forças que nós depositamos em suas maons, no tempo da sua elevação. Elle herdou todos os exercitos formados sub os nossos mais habeis generaes, tantas vezes guiados á victoria por todos estes famosos capitães, que perecerão e hão de perecer até ao ultimo, victimas do furor e do ciume do tyranno. Elle achou um povo numeroso, augmentado por conquistas, exaltado por triunfos e pelo movimento que sempre costumão trazer comsigo as revoluçoens; bastava-lhe bater com o pé a

terra fecunda da nossa patria, para ella lhe prodigalisar thesouros, e soldados. As naçoens que elle acommettia estavão fatigadas, e desunidas: elle as venceo umas após outras, entornando sobre cada uma dellas separadamente, torrentes da população da França.

Quando Deos manda ao mundo os executores dos castigos celestes, todos os obstaculos desapparecem diante delles: alcanção successos extraordinarios com talentos mediocres; nascidos no meio das discordias civis, estes exterminadores sacão suas principaes forças dos males que os tem produzido, e do terror que inspira a memoria destes males: assim conseguem fazer o povo submisso, em nome das calamidades de que hão sahido: a elles cabe corromper, aviltar e anniquilar a honra, degradar as almas, manchar tudo quanto tocão, querer tudo, atrever-se a tudo, reinar pelo embuste, impiedade, e terror, fallar todas as lingoas, fascinar os olhos de todos, enganar até a razão, fazerem-se passar por vastos genios, quando não passão de scelerados mui communs; porque a excellencia em todo o genero he inseparavel da virtude; e arrastrando comsigo as naçoens enganadas elles triunfantes pela multidão, deshonrados por cem victorias, com um facho na mão, e os pés nadando em sangue, vão até ás extremidades da terra, como homens embriagados, e impellidos por um Deos que desconhecem.

Pelo contrario quando a Providencia quer salvar um imperio e não punillo; quando emprega os seus servos, e

18
K10

não os seus flagellos; quando aos homens de que se serve destina uma gloria honrosa, e não uma fama abominavel; entaõ em vez de lhes fazer a estrada facil, como a Buonaparte, oppoem-lhes obstaculos dignos de suas virtudes. Assim he que se pode sempre distinguir o tyranno do libertador, o destruidor dos povos do grande capitaõ, o homem mandado para destruir, e o vindo para reparar. Este sim he senhor de tudo, e emprega meios immensos; aquelle nada possue, nem tem em suas maõs senão fracos recursos: por estes primeiros signaes he facil reconhecer o caracter e a missão do devastador da França.

Buonaparte não he um homem verdadeiramente grande: elle não he magnanimo, como o são os heroes, e os verdadeiros reis. Daqui vem que se não cita delle nem um só dos bons ditos que annuncião um Alexandre, um Cesar, um Henrique IV., e um Luiz XIV. A natureza o formou sem entranhas. A sua cabeça assás vasta he o imperio das trevas, e da confusão. Nella podem entrar até as ideas do bem, mas não podem ahi conservar-se. O signal que distingue o seu caracter he uma obstinação invencivel, uma vontade de ferro, porem somente para a injustiça, para a opressão, e systemas extravagantes; dando facilmente de mão aos projectos que poderiaõ ser favoraveis á moral, á ordem, e á virtude. Dominado todo pela fantazia não se deixa guiar pela razão. Seus projectos não são fructo de uma profunda reflexão, mas só effeito de um movimento repentino, e de

uma resolução precipitada. Ligeiro como os homens do seu paiz, entra no seu caracter alguma cousa de histriaõ e comediante. Faz todos os papeis, até o das paixoens que não tem; está sempre representando; no Gram Cairo, he um renegado que se gaba de ter destruido o Papa; em Paris he um restaurador da religião christaã; óra faz de inspirado, e óra de philosopho. As suas scenas são preparadas d'ante mão. Um soberano que tomou liçoens de Talma, para se mostrar ao publico em pasição real, já está julgado para a posteridade. Quer parecer original, e quasi nunca passa de imitador; mas imitador que logo faz lembrar o objecto ou acção que elle copiou: tenta sempre dizer o que elle acredita ser bom dito, e obrar o que elle presume ser um grande feito: affectando um genio universal, falla das rendas publicas, dos espectaculos, da guerra, das modas, regula os destinos dos reis, e de um recebedor de direitos de portagem, data do Kremlim uma ordenança sobre os theatros, e n'um dia de batalha manda prender algumas mulheres em Paris. Filho da nossa revolução, tem com sua may semelhanças que daõ nos olhos; isto he, soltura de lingoa, paixão pela baixa literatura, e por escrever nos jornaes. A travez da máscara de Cesar, e Alexandre vê-se o homem de pouca valia, e de humilde nascimento; despreza altamente os homens; porque os julga por si; sua maxima he que elles só obrão por interesse, e que a probidade mesmo não he se não calculo. Daqui vem este systema de fusão que fazia a base do seu governo, empregando igualmente o máo, e o homem de bem, amalga-

19
K10

mando de propozito o vicio e a virtude, e cuidando sempre em collocar os homens em situaçoens oppostas aos seus principios: o seu maior prazer era deshonrar a virtude, e manchar as reputaçoens: tocava os homens só para os marcar com o ferrete da ignominia: quando vos fazia cahir, entaõ sim, ereis o *seu homem*, segundo a sua expressão vulgar, vós lhe pertencieis pelo direito da vergonha; elle vos amava um pouco menos, e vos desprezava um pouco mais. Na parte da administração sua maxima era, importar-se só com os resultados, e não com os meios. As *massas* erão para elle tudo, os *individuos* nada. " Esta mocidade vai corromper-se; não importa ser-me-ha mais obediente; este ramo d'industria acabará, mas eu alcançarei no momento actual muitos milhoens; morrerão sessenta mil homens nesta batalha, mas eu a ganharei." Eisaqui o seu modo de pensar, e eisaqui como os reinos se tem anniquilado. Nascido principalmente para destruir, Buonaparte traz o mal no seu seio taõ naturalmente como a may com alegria, e uma especie de orgulho traz o filho no seu ventre. Tem horror da felicidade dos homens, e assim se lhe ouvio dizer um dia. " Ainda ha em França pessoas felizes; como algumas familias que não me conhecem, que vivem nas suas casas de campo com trinta, ou quarenta mil francos de renda; mas deixem estar que eu lá chegarei:" elle cumprio a sua palavra. Um dia estava seu filho brincando, então disse a um bispo que estava presente: " Sr. Bispo, que lhe parece, isto tem uma alma?" Tudo o que he distincto por alguma superioridade, espanta este tyranno;

toda a reputação o importuna; os talentos, o engenho, e a virtude lhe dão ciume; e nem estimaria o estrondo de um grande crime, se este não fosse obra sua. Ninguem acolhia peor os homens, o seu maior prazer era afrontar os que se chegavão a elle, sem pensar que os nossos reis nunca insultavão ninguem; porque delles se não podia tirar vingança; sem se lembrar que falla com uma nação a mais cheia de pondonor, e com um povo formado pela corte de Luiz XIV, e tão justamente celebrado pela polidez de suas maneiras, e sua florida civilisação. Emfim Buonaparte só era o homem da prosperidade; a adversidade, que faz apparecer as virtudes foi como a pedra de toque, que descrobrio o falso heroe, desvaneçeo-se o prodigio, e conheçeo-se, que o monarcha era um aventureiro, e que o heroe só tinha chegado á gloria por acaso.

Quando Buonaparte expulsou o Directorio, fez-lhe esta arenga:

" Que tendes vós feito desta França, que eu vos deixei taõ brilhante? Deixeivos a paz, e venho achar a guerra: dexeivos victorias, e vim encontrar revezes: dexeivos os milhões da Italia, e não vim achar por toda a parte senão leis espoliadoras, e miseria. Que he feito de cem mil Francezes que eu conhecia, todos meus companheiros de gloria? Morrerão.

" Este estado de coisas não pode durar; em menos de

20
K10

tres annos elle nos levaria ao despotismo, mas nós não queremos senão a republica; a republica firmada sobre as bases da igualdade, da moral, da liberdade civil, e da tolerancia, politica. &c."

Vem cá homem da infelicidade, agora nós te colhemos pelos teus mesmos discursos, e te interrogamos por tuas mesmas palavras. Diz-nos, que tens feito desta França tão brilhante? aonde estão os nossos thesouros, os milhoens da Italia, e da Europa inteira? Que fim deste não dizemos já a cem mil, mas a cinco milhoens de Francezes, que nós conheciamos todos, nossos parentes, amigos, e ir mãos? Este estado de coisas não pode durar; elle nos tem submergido em um terrivel despotismo. Tu querias a republica, e nos trouxestes a escravidão. Nós queremos a monarchia firmada sobre as bases da igualdade de direitos, da moral, da liberdade civel, tolerancia politica e religiosa. Acaso tens-nos tu dado esta monarchia? que tens tu feito por nós? quaes são as obrigaçoens que nós devemos ao teu reino? quem assassinou o duque d'Enghien, matou em tormentos Pichegru, desterrou Moreau, carregou de cadeas o soberano Pontifice, roubou os Principes de Espanha, e começou uma guerra impia? Hés tu. Quem tem perdido as nossas colonias, anniquilado o nosso commercio, aberto a America aos Inglezes, corrompido os nossos costumes, roubado os filhos aos pays, causado a consternação das familias, assolado o mundo, queimado mais de mil leguas de paiz, e inspirado o horror do nome Francez a todo o mundo?

Hes tu. Quem tem exposto a França á peste, á invasão, á desmembração, e á conquista? Sim hes tu. Eis aqui os crimes de que tu não podias accusar o Directorio, e de que nós hoje te accusamos. Quanto mais culpado hes tu, do que estes homens, que não julgavas dignos de reinar? Um rei legitimo e hereditario que tivesse acabrunhado o seu povo com a menor parte dos males que tu nos tens causado, teria posto o seu throno em perigo; e tu usurpador, e estrangeiro, serias para nós inviolavel pelas calamidades que nos tens causado? reinarias ainda em meio dos nossos tumulos? Nós entramos de novo em os direitos que nos dá a infelicidade; não queremos mais adorar Moloch; não queremos que devores mais nossos filhos; nada da tua conscripção, da tua policia, da tua censura, das tuas execuçoens militares nocturnas, e da tua tyrannia. Ja não somos nós só, he o genero humano que te accusa, e nos pede vingança em nome da religião, da moral, e da liberdade. Aonde não tens tu espalhado a desolação? em qne canto do mundo pode descobrir-se familia taõ obscura, que tenha escapado ás tuas destruiçoens? O Espanhol nas suas montanhas, o Dalmata nos seus vales, o Italiano no seu formoso clima, o Allemão, o Russo, o Prussiano, nas suas cidades abrasadas, todos te pedem conta dos seus filhos, que tens feito despedaçar, das tendas de campo, das cabanas, dos palacios, dos templos que tens posto em cinzas. Foste tu quem os obrigastes a vir bucar em nossas casas o que lhes roubastes, e reconhecer nos teus palacios os seus despojos ensanguentados. A voz do mundo inteiro te declara o

21
K10

maior criminoso que tem apparecido sobre a terra; porque não he sobre povos barbaros, ou sobre naçoens degeneradas que tens espalhado tantos males; he em meio da civilisação, em um seculo de luzes, que tu has querido reinar pelo alfange de Atila, e pelas maximas de Nero. Larga emfim teu sceptro de ferro; desce desse montão de ruinas de que havias feito um throno. Nós te bannimos como tu fizestes ao Directorio. Vai, e possas tu por unico castigo, ser testemunha da alegria que a tua queda causa á França, e contemplar, derramando lagrimas de raiva, o espectaculo da felicidade publica.

Taes palavras dirigimos ao estrangeiro; mas se rejeitamos Buonaparte, quem hirá para seu lugar! o Rei.

DOS BOURBONS.

As funçoens unidas a este titulo são tão notorias aos Francezes, que não ha necessidade de as explicar; o Rei lhes aprezenta logo a idea de authoridade legitima, da ordem, da paz, da liberdade legal, e monarchica. As memorias da antiga França, a religiaõ, usos antigos, costumes familiares, habitos da nossa infancia, o berço, o tumulo, tudo se une a esta palavra sagrada de rei, que a ninguem atemorisa; e pelo contrario a todos assegura. O rei, o magistrado, o pay são ideas que um Francez confunde. Elle não sabe o que he um imperador; e conhece mal a natureza, forma, e limite do poder unido a este titulo estrangeiro. Sabe ao contrario que um monarcha descendente de S. Luiz, e Henrique IV. he um chefe, cujo poder paternal he regulado por instituiçoens, temperado pelos costumes, adoçado, e feito excellente pelo tempo, como um vinho generoso nascido em o territorio da nossa patria, e amadurecido pelo sol da França: digamos tudo; não haverá nem repouso, nem honra, nem felicidade, nem permanencia em nossas leis, opinioens, e fortuna, senão quando a casa de Bourbon for restabelecida em o throno. Na verdade, a antiguidade

22
K19

mais agradecida que nós, não teria deixado de chamar divina uma dinastia, que começando por um rei valeroso e prudente, e acabando por um martyr, tem contado no espaço de nove seculos quarenta e tres monarcas, entre os quaes só se acha um tyranno. Exemplo unico na historia do mundo, e eterno desvanecimento para a nossa patria. A probidade, e a honra se assentárão sobre o throno da Franca, como a força, e a politica sobre os outros thronos do mundo. O sangue nobre de Capeto, só deixava de produzir heroes, para dar reis homens de bem: uns tiverão o titulo de sabios, bons, justos, estimadissimos; outros forão, chamados grandes, augustos, pays das letras, e da patria; alguns tiverão paixoens que expiárão por infelicidades; mas nenhum houve que espantasse o mundo pelos vicios que fazem odiosa a memoria dos Cesars, e que Buonaparte tem reproduzido.

Os Bourbons ultimo ramo desta arvore sagrada, virão, por um destino extraordinario, o seu primeiro rei apunhalado por um fanatico, e o ultimo gilhotinado pelos atheos. Desde Roberto, sexto filho de S. Luiz, do qual elles descendem, não lhes faltava há tantos seculos, senão a gloria da adversidade, que por fim magnificamente alcançarão. De que temos nós que os reprehender? Só o nome de Henrique IV. faz estremecer os coraçoens francezes, e arraza os nossos olhos de lagrimas; nós devemos a Luiz XIV. a melhor parte de nossa gloria. Não somos nós os que temos chamado a Luiz XVI. o homem mais

honrado de seu reino? havemos nós rejeitar o seu sangue só porque o matámos? e excluir a sua familia só porque levamos á morte, sua mulher, sua irmaã, e seu filho? Esta familia chora no desterro, não as suas, mas as nossas desgraças. Esta joven princeza que havemos perseguido, e que havemos deixado orfãa, todos os dias se lembra saudoza nos palacios estrangeiros das prisoens da França. Podia dar a mão de espoza a um principe potentado, e glorioso, mas antes quiz unir seu destino ao de seu primo, pobre, desterrado, e proscripto; e preferio-o só por ser Francez, e não querer separar-se das infelicidades da sua familia. O mundo inteiro admira suas virtudes; os povos da Europa a seguem quando apparece nos passeios publicos, cobrindo-a de bençoens; e poderemos nós esquecella! Quando ella deixou a sua patria, aonde tão má fortuna havia tido, olhou para traz, e chorou. Objectos constantes de suas oraçoens, e de seu amor, nós apenas sabemos que ella existe.

"*Eu conheço,*" disse ella em uma occasiaõ, "*que só poderei ter um filho em França,*" palavras ternas capazes de nos fazer cahir a seus pés, e arrancar-nos soluços de arrependimento. Sim, Madame a Duqueza d'Angoulême só será fecunda no terreno fecundo da nossa patria. Esta terra he a may natural dos lirios: elles renascerão mais bellos, lavados com o sangue de tantos victimas offerecidas em expiação junto do cadafalso de Luiz, e de Maria Antonia.

23
K10

O irmão do nosso rei, Luiz XVIII., que deve reinar he um principe conhecido pelas suas luzes, inaccessivel aos prejuizos, e estranho á vingança. De todos os soberanos que podem agora governar a França, he talvez o que convem melhor ao nosso estado, e ao espirito do seculo: assim como de todos os homens, que podemos escolher, Buonaparte era talvez o menos proprio para ser rei. As instituiçoens dos povos são a obra do tempo, e da experiencia; para reinar he mais que tudo necessario o juizo, e uniformidade. Um principe que não tivesse em a cabeça, senão duas, ou tres ideas geraes, mas uteis conviria mais a uma nação, do que um aventureiro extraordinario, produzindo de continuo novos planos, imaginando novas leis e não se julgando rei, senão quando trabalha em perturbar os povos, em mudar, em destruir á noite, o que creou de manhãa. Não só Luiz XVIII. tem as ideas bem arreigadas, a moderação, e bom senso, que são tão necessarios a um monarcha; mas he alem disso principe amante das letras, instruido, e eloquente, como o forão muitos dos nossos reis; de um espirito vasto, e esclarecido, e de caracter firme, e philosophico.

Escolhamos entre Buonaparte, que volta a nós com o codigo sanguinolento da conscripção, e Luiz XVIII. que se adianta para cerrar as nossas feridas com o testamento de Luiz XVI. em a mão. Elle repetirá na sua sagração estas palavras escritas por seu virtuoso irmão:—" Eu perdô-o de todo o meu coração aos que se fizerão meus

inimigos, sem que eu lhes desse causa. e rogo a Deos que lhes perdoe."

M. o conde d'Artois, de um caracter tão franco, tão leal, e tão francez, hoje se distingue por sua piedade, agrado, e bondade, como em sua mocidade era distincto por sua gentileza, e graças reaes. Buonaparte foge abatido pela mão de Deos, mas não corrigido pela adversidade: á medida que elle recua no paiz que escapa á sua tyrannia arrastra com sigo victimas infelizes, e carregadas de ferros: os ultimos actos do seu poder são exercitados nas ultimas prisoens da França. M. o conde d'Artois chega só, sem escolta, sem apoio, e até des conhecido aos francezes a quem elle apparece. Apenas tem dito o seu nome o povo abraça os seus joelhos; beja as abas dos seus vestidos, e exclama derramando torrentes de lagrimas; " eixaqui senhor os nossos coraçoens, he quanto o monstro nos tem deixado!" A este modo de deixar a França e ao de nella entrar, logo se reconhece, de um lado o usurpador, e do outro o principe legitimo.

M. o duque d'Angoulême appareceo em outra de nossas provincias; Bordeaux, a segunda cidade do reino, se deitou em seus braços, e a patria de Henrique IV. reconheco com transportes de alegria o herdeiro das virtudes do Bearnez. Nossos exercitos nunca virão cavalleiro mais denodado do que M. o duque de Berry. M. o duque d'Orleans prova pela sua nobre fidelidade ao sangue de seu rei, ser um dos mais bellos nomes da França. Falla-

24
K10

mos ja de tres geraçoens de heroes, M. o principe de Condé, M. o duque de Bourbon; Buonaparte que nomeie o terceiro.

Não sei se a posteridade poderá acreditar, que tantos principes da casa de Bourbon tem sido proscriptos por este povo, que lhe devia toda a sua gloria, sem que tivessem sido culpados de algum crime, e sem que a sua desgraça lhe tivesse vindo da tyrannia do ultimo rei da sua linhagem.

Não, os vindouros não poderão comprehender, como nós bannimos principes tão bons, e nossos compatriotras, para pôr em o throno um estrangeiro, o peor de todos os homens. Até a um certo ponto faz-se idea da republica em França: um povo em um momento de loucura, pode querer mudar a forma do seu governo, e não reconhecer mais um chefe supremo; mas se nós voltamos á monarchia, he o cumulo da vergonha, e do absurdo querella sem um soberano legitimo, e pensar que ella pode existir sem elle: modifique-se embora a constituição desta monarchia, mas ninguem tem o direitó de mudar o monarcha: pode acontecer que um rei cruel, e tyrano que infringe todas as leis, e priva um povo inteiro das suas liberdades, seja deposto por effeito de uma revolução violenta; mas ainda neste caso extraordinario a coroa passa a seu filho, ou a seu mais proximo herdeiro. O'ra tem acaso Luiz XVI. sido um tyrano? podemos acaso fazer processo á sua memoria: com que authoridade privamos nós a sua linhagem de

um throno, que por tantos titulos lhe pertence. Porque vergonhoso capricho temos nós dado ao filho de um porteiro de Ajacio, a herança de Roberto o Forte. Este Roberto o Forte descendia provavelmente da segunda raça, e esta da primeira. Elle era conde de Paris. Hugo Capeto trouxe aos Francezes, na qualidade de Francez que era, Paris, sua herança paterna, bens e dominios immensos. França, tão pequena em tempo dos primeiros Capetos, se enriqueceo, e fez grande em o de seus descendentes. Para substituir esta linhagem antiga nós temos hido buscar um rei, como o disse um senador, a um povo donde os romanos não querião escravos. A favor de um Italiano obscuro, cuja fortuna se engrossou com os despojos de todos os Francezes, derribamos a lei salica, palladium do nosso imperio. Quanto os sentimentos, e maximas de nossos pays erão differentes dos nossos! Quando morreo Phelippe o Bello elles adjudicarão a coroa a Phelippe de Valois, em prejuizo de Duarte terceiro, rei d'Inglaterra; e antes quizerão condemnar-se a dois seculos de guerra, do que ser governados por um estrangeiro. Esta nobre resolução foi a causa da gloria, e grandeza da França; a oriflamma foi feita pedaços em os campos de Crecy, Poitiers, e Azincourt, mas os pedaços triunfárão finalmente da bandeira de Duarte III. e Henrique V.; e o grito de *Montjoie S. Diniz* suffocou o de todas as facçoens. A mesma questaõ sobre a herança se moveo quando morreo Henrique III.: o parlamento publicou então o famoso edicto, que deo Henrique IV. e Luiz XIV. á França. Não erão todavia cabeças despresiveis

25
K10

as de Duarte III., Henrique V., o duque de Guise, e o infante de Hespanha. Grande Deos! que he feito do orgulho da França! Ella tem recusado tão grandes soberanos, afim de conservar a sua linhagem franceza, e real; e ao mesmo tempo fez escolha de Buonaparte.

Em vão se pertenderia que Buonaparte não he estrangeiro. Elle o he aos olhos de toda a Europa, e de todos os Francezes não preocupados; e selo-ha pelo juizo da posteridade, que lhe atribuirá talvez a melhor parte de nossas victorias, e nos fará carga de uma parte de seus crimes. Buonaparte nada tem de Francez, nem em seus costumes, nem em o seu caracter: até as feiçoens do seu rosto, mostrão sua origem. A lingoa que aprendeo no berço não era a nossa, e o seu accento, e o seu nome, revelão a sua patria. Seus pays forão, mais de ametade da sua vida, vassallos da republica de Genova. Elle mesmo he mais sincero que os seus aduladores: não se tem em conta de francez: aborrece-nos, e despreza-nos. Mais de uma vez se lhe ouvio dizer: *eis aqui como são voces, todos os Francezes.* Em um discurso fallou da Italia como sua patria, e da França como sua conquista. Se Buonaparte he Francez, he forçozo confessar, que Toussaint-Louverture o era ainda mais do que elle; porque emfim nascido em uma colonia Franceza, sub as leis Francezas, e a liberdade que havia recebido o tinha feito vassallo e cidadão. E um estrangeiro educado pela caridade dos nossos reis, occupa o throno dos nossos reis, anhelando por derramar o seu sangue! cuidamos na sua

mocidade, e por agradecimento, elle nos abisma em a miseria! Justa distribuição da Providencia! Os Gaulezes saqueárão Roma, e os Romanos opprimirão as Galias; os Francezes destruirão muitas vezes a Italia, e os Medicis, os Galigaïs, Mazarinos, e Buonaparte, nos tem desolado. A França, e a Italia deverião emfim conhecer-se, e renuncir para sempre uma á outra.

Como será doce desançar emfim de tanta agitação, e trabalhos sub a authoridade paterna de nossos legitimos soberanos. Nós podemos por um momento ter sido avassallados pela gloria das nossas armas, de que Buonaparte se aproveitou; hoje que elle se vê despojado desta gloria seria muito ficarmos escravos de seus crimes. Rejeitemos este oppressor, como o tem ja feito todas as outras naçoens. Que se não diga de nós: elles tem morto o melhor, e o máis virtuoso dos reis; nada fizerão por lhe salvar a vida, e hoje em dia estão derramando a ultima gota do seu sangue, e sacrificando o resto da França por sustentar um estrangeiro, que elles mesmos detestão. Com que razão justificaria esta França infiel a sua abominavel fidelidade? devemos confessar, que são as maldades que nos agrádão, os crimes que nos encantão, e a tyrania que nos convem. Ah! se as naçoens estrangeiras, ao fim cançadas da nossa obstinação, nos consentissem ficar-mos com este insensáto; se fossemos tão cobardes, que comprasse-mos, por uma parte do nosso territorio, a vergonha de conservar em meio de nós o germe da peste, e o flagelo da humanidade, mais valia fugir para os

26
K10

desertos, mudar de nome, e de linguagem, e cuidar em esquecer, e fazer esquecer que havemos sido Francezes.

Cuidemos na felicidade da nossa patria commum; façamos de conta que a nossa sorte está em nossas mãos; uma palavra nos pode restituir á gloria, á paz, e á estimação do mundo, ou abismar-nos na mais terrivel, e ignobil escravidão. Levantemos a monarchia de Clovis, a herança de S. Luiz, e o patrimonio de Henrique IV. Só os Bourbons convem hoje ao nosso estado infeliz, e são os unicos medicos, que podem cerrar nossas feridas. Seus moderados, e paternaes sentimentos, suas proprias adversidades, convem a um reino esgotado, e fatigado de convulsoens, e desgraças. Com elles tudo será legitimo, sem elles tudo he illegitimo: basta a sua presença para fazer renascer a ordem; e nós vemos nelles o seu principio. São illustres e valentes cavalheiros tanto, e mais Françezes do que nós: estes senhores da Flor de Lirio forão em todos os tempos famosos pela sua lealdade, e estão tão arreigados com os nossos costumes, que atê parecem fazer parte da França, e faltarem-lhe hoje como o ar, e o sol.

Se tudo deve serenar com elles, e se elles só podem pôr termo a esta mui longa revolução, a volta de Buonaparte nos abismaria em terriveis males, e perturbaçoens sem fim. A mais fecunda imaginação mal poderia conceber o que seria este monstruoso gigante, encerrado em limites

estreitos, não tendo ja os thesouros do mundo para devorar, e o sangue da Europa para verter. Quem o pode figurar encerrado em uma corte arruinada, e coberta de ignominia exercendo só sobre os Francezes, sua raiva, suas vinganças, e genio turbulento. Buonaparte não mudou, nem mudará. Sempre inventará projectos, leis, decretos absurdos contradictorios, e criminosos; sera sempre o nosso tormento: fará sempre fluctuar na incerteza nossa vida, bens, e liberdade; com a esperança de poder perturbar novamente o mundo, suas occupaçoens, e cuidados serão destruir as nossas familias. E nós unicos escravos no meio do mundo livre, objecto do desprezo das naçoens, sentiremos o ultimo gráo da infelicidade, não tendo ja sentimento da nossa abjecção, entregando nos ao somno, como o escravo do Oriente, indifferente ao cordão que o sultão nos mandará quando acordar-mos.

Não, não será assim; nós temos um principe legitimo, nascido do nosso sangue, educado entre nós, que nós conhecemos, e que nos conhece, que tem os nossos costumes, inclinaçoens, habitos, pelo qual, em a nossa mocidade, oramos a Deos, e do qual sabem o nome os nossos filhos, como sabem o nome do seu visinho, e cujos pays viverão, e morrerão com os nossos. A caso será a França uma propriedade abandonada; só porque temos reduzido os nossos antigos principes a viandantes? A caso deve ficar ao Corso por direito de não naturalisação? Ah! praza a Deos, que não seja tal a nossa deslealdade, que desherdemos nosso natural senhor, para dar o seu leito ao

27
K10

primeiro companheiro que o pede. Caso que os nossos legitimos senhores nos faltassem, o ultimo Francez deveria ser preferido a Buonaparte para nosso rei: ao menos escapava-mos á vergonha de obedecer a um estrangeiro.

Falta-nos provar que se o restabelecimento da casa de Bourbon he necessario á França, não o fica sendo menos a toda a Europa.

DOS ALLIADOS.

Não considerando agora senão rasoens particulares; que homem haverá no mundo, que quizesse fiar-se na palavra da Buonaparte? Por ventura não he uma maxima da sua politica, e má inclinação do seu coração, fazer consistir a abilidade em enganar, olhar a boa fé como tontice, e caracteristico de um espirito apoucado; e fazer zom baria da santidade do juramento? Aponte-se-nos um só dos muitos tratados, que fez com as nações da Europa, cumprido por elle. As suas mais solidas conquistas são obra da violação, em plena paz, de algum artigo destes tratados; raras vezes se lhe vio evacuar uma praça que devia entregar; hoje mesmo, que elle está abatido, possue ainda em algumas fortalezas de Allemanha o fruto de suas rapinas, e as testemunhas das suas mentiras.

Que laços se lhe poderão deitar, que o tolhão de renovar suas destruiçoens? embora o enfraqueção, desmembrando a França, pondo guarniçoens em suas praças fronteiras, por certo numero de annos, obrigando-o a pagar consideraveis sommas, a não ter senão um pequeno exercito, e abolir a conscripção; tudo será baldado.

28
K10

Buonaparte, outra vez o dizemos não mudou. A adversidade não tem poder sobre elle; porque elle não era superiorá fortuna. Meditará em silencio o vingar-se; de repente, depois de um, ou dois annos de descanço, quando a coalisão for dissolvida, e cada alliado entrar nos seus estados, elle nos chamará ás armas, aprovietando-se das geraçoens formadas, tomará as praças fortes, e de novo inundará a Allemanha. Hoje mesmo não falla senão em queimar Vienna, Berlin, e Munich, nem pode consentir em largar das unhas a sua preza. Então acaso voltarão os Russos a tempo, das margens do Boristheno, para salvar, segunda yez a Europa? Poderá esta milagrosa coalisão, fructo de vinte e cinco annos de trabalho, atar-se de novo quando todos os seus fios estejão quebrados? Não terá Buonaparte achado meios de corromper alguns ministros, enganar alguns principes, despertar antigos ciumes, e pôr talvez da sua parte alguns povos tão cegos, que hajão de combater sub suas bandeiras? Finalmente quem está seguro que os principes hoje reinantes, reinem ainda então, e de que a mudança em os thronos não possa trazer consigo a mudança na politica? Governos que tem sido tantas vezes enganados, poderião de repente ganhar uma segurança, que os levaria á perdição? Como teriaõ esquecido o orgulho deste aventureiro, que os tratou com tanta insolencia, que se gabava de ter reis na sua sala de espera, que mandava intimar suas ordens aos soberanos, em cujas cortes estabelecia espias, e que dizia á bocacheia, que antes de dez annos a sua *Dinastia* seria a mais antiga da Europa.

A caso os reis fariaõ tratados com um homem, que lhes tem feito tantos ultrages, e taes, que um simples particular não soffreria? Uma rainha encantadora fazia a admiraçaõ da Europa por sua belleza, valor, e virtudes; elle apressou a sua morte por meio de ultrages tão cobardes como desprezíveis. A santidade dos reis, e a decencia nos obstaõ repetir aqui as calumnias, as villanias, e chocorrices com que elle tem insultado prodigamente os reis, e os ministros, que hoje lhe estaõ dando leis no seu palacio. Se os principes desprezão pessoalmente estes ultrages, não o devem fazer pelo interesse, e magestade dos thronos. Devem fazer-se respeitar dos povos, quebrar o punhal do usurpador, e deshonrar para sempre o abominavel direito da força, sobre o qual Buonaparte fundava o seu orgulho, e o seu imperio.

Depois destas consideraçoens particulares, ha outras de maior pezo, que só por si devém determinar os alliados a nunca reconhecer Buonaparte por soberano.

Importa muito ao repouso dos povos, á segurança das coroas, á vida, e á familia dos soberanos, que o homem sahido da classe inferior da sociedade não possa impunemente assentar-se sobre o throno do seu senhor, tomar lugar entre os legitimos soberanos, tratálos de irmãos, e encontrar nas revoluçoens que o elevárão, força bastante para balançar os direitos de legitimidade. Este exemplo uma vez dado ao mundo, fará que nenhum monarcha possa contar com a sua coroa. Se o throno de Clovis,

29
K10

na actual civilisação do mundo, fica a um Corso, em quanto os filhos de S. Luiz andão errantes pelo mundo, nenhum rei pode estar seguro hoje, que reinará á manhaã. Cautela com isto: todas as monarchias da Europa são quasi filhas dos mesmos costumes, e tempos: todos os reis são na verdade como irmaõs unidos pela religião christaã, e antiguidade das memorias. Este formoso, e grande systema uma vez rompido, novas dinastias assentadas sobre os thronos, farão reinar outros costumes, principios, e ideas; e entaõ está perdida a antiga Europa, e uma revolução geral mudará a successão de todos os soberanos; portanto os reis devem tomar a defeza da casa de Bourbon, como da sua propria familia; e não só porque são reis, mas ainda por outras naturaes relaçoens. Não há um rei na Europa, que não tenha o sangue dos Bourbons em as veas, e não deva ver nelles illustres, e desgraçados parentes. Mais que muito se tem ensinado aos povos, que se podem abalar os thronos. Agora os reis devem mostrar-lhes, que se os thronos podem ser abalados nunca podem ser destruidos; e que para a felicidade do mundo, os thronos são independentes dos bons successos do crime, e dos jogos da fortuna.

Quanto mais importa á Europa civilisada que a França, que he como sua alma, e coração por seu caracter, e situação seja feliz, florecente, e pacifica, o que só pode acontecer com o governo dos nossos antigos reis. Qualquer outro prolongaria entre nós estas convulsoens que se fazem sentir no fim do mundo. Só os Bourbons

pela magestade da sua linhagem, legitimos direitos, e caracter moderado offerecerão sufficiente garantia aos tratados, e cerrarão as chagas do mundo.

Quando reinão os tyranos, todos as leis moraes estaõ como suspensas; tal se vê a Inglaterra nos tempos de perturbação suspender-se o acto sobre que repousa a liberdade dos cidadaõs. Todos sabem que não obrão bem, que marchão por máo caminho; e todos se submettem, e se prestaõ á opressaõ. Chega até a fazer-se uma especie de falsa conciencia no vicio, cumprem-se escrupulosamente as ordens as mais contrarias á justiça. A desculpa he, que virão dias melhores, que entaõ se entrará de novo no exercicio dos direitos de liberdade, e de virtude; que ha um tempo de iniquidade, que he preciso passar, como se passa o das desgraças. Mas em quanto estes dias não chegão, o tyrano faz quanto quer, e he obedecido; pode arrastar á guerra uma nação inteira, oprimilla, exigir della tudo, que nada lhe será recusado. Com um principe legitimo, isto he impossivel: todo o mundo, sub um sceptro legal está no gozo dos seus direitos naturaes, e no exercicio de suas virtudes. Se o rei quizesse passar o limite do seu poder, encontraria obstaculos de todos os lados; todos os corpos do estado lhe fariaõ representaçoens; todos os individuos lhe fallariaõ, oppor-se-lhe-hia a razão, a consciencia, a liberdade. Eisaqui porque Buonaparte ficando senhor de uma só aldea em França he mais terrivel para a Europa, do que os Bourbons com a França até ao Rhin.

30
K10

Finalmente podem os reis duvidar da opinião da França? pensão que terião chegado tão facilmente ao Louvre, se os Francezes não tivessem esperado achar nelles os seus libertadores? A caso não teraõ visto em todas as cidades aonde entrárão, signaes manifestos desta esperança? Há seis mezes, que não se ouvia em França outras palavras senão: *que he dos Bourbons, aonde estão os principes? chegão? Ah! se se visse uma bandeira branca!* De outro lado o horror do usurpador se tem apossado de todos os coraçoens. Tal he a raiva que inspira, que até tem contrapesado entre um povo guerreiro o que ha de mais duro quando se tem o inimigo á vista; e antes ha querido soffrer a invasão do momento, do que expor-se a ficar com Buonaparte toda a vida. Se os nossos exercitos tem pelejado, admiramos o seu valor, deploramos o seu infortunio; elles destestão o tyrano tanto, ou mais que os outros Francezes: mas tem dado um juramento; e os granadeiros francezes morrem victimas da sua palavra de honra. A vista do estandarte militar inspira fidelidade: desde os Francos nossos pays até nós, nossos soldados tem feito pacto sagrado, e se tem, por assim dizer, desposado com as suas espadas. Não confundamos pois o sacrificio da honra com o amor da escravidão. Nossos valentes guerreiros só esperão ser desligados da sua palavra. Reconheção os Francezes, e os Alliados os seus prineipes legitimos, e logo o exercito, livre do seu juramento, se virá pôr debaixo da bandeira sem mancha muitas vezes testemunha dos nossos triunfos, ás vezes dos nossos revezes, sempre do nosso valor, e nunca da nossa ignominia.

Os reis alliados nenhum obstaculo encoutrão a seus intentos, uma vez que queirão seguir o unico partido que pode assegurar o repouso da França, e da Europa. Por contentes se devem dar dos triunfos das suas armas, e nós os Francezes não devemos considerar estes triunfos senão como uma lição da Providencia, que nos castiga, sem nos humilhar. Podemos dizer afoitamente que o que seria impossivel no tempo dos nossos legitimos principes, só pôde cumprir-se no reinado de um aventureiro. Os reis alliados devem de hoje em diante aspirar a uma gloria da maior solidez, e duração; hindo com as suas guardas á praça da revoluçao; e fazendo celebrar umas exequias, no mesmo lugar onde cahirão as cabeças de Luiz e Maria Antonia; alli este conselho dos reis, com a mão sobre o altar, no meio do povo francez ajoelhado, e chorando, reconheça Luiz XVIII. Rei de Franca: assim offerecerão ao mundo o maior espectaculo, que ja mais se tem visto, e se cobrirão de uma gloria, que os seculos não poderão apagar.

Mas ja uma parte destes acontecimentos está comprida. De milagres tem nascido milagres. Paris, como Athenas vio entrar em seus muros estrangeiros, que a tem respeitado, em lembrança da sua gloria, e dos seus grandes homens. Oitenta mil soldados vencedores dormirão junto dos nossos cidadaõs, sem perturbarem o seu somno, sem fazer a menor violencia, e até sem entoar um cantico de triunfo. São libertadores, e não conquistadores. Honra immortal aos Soberanos que derão ao

31
K10

mundo um tal exemplo de moderação na victoria. Oh! de quantas injurias se podiaõ vingar! Mas elles não confundirão os Francezes com o tyrano seu opressor. Tambem ja tem recolhido o fructo da sua magnanimidade, havendo sido recebidos dos habitantes de Paris como se fossem seus verdadeiros monarchas, como principes francezes, como Bourbons. Cedo veremos os descendentes de Henrique IV.; Alexandre no-lo promoteo: nem se esquece que o contrato de cazamento do duque e duqueza d'Angouleme está depositado nos archivos da Russia. Elle nos tem fielmente guardado o ultimo acto publico do nosso governo legitimo; tem-o depositado em a nossa torre do tombo, onde nós tambem lhe guardaremos a discripção da sua entrada em Paris, como um dos maiores, e mais gloriosos monumentos da historia. Emfim não separemos dos dois soberanos que estaõ hoje comnosco, aquelle outro soberano, que tem feito o maior dos sacrificios á causa dos reis e ao repouso das naçoens. Possa elle encontrar como monarcha, e como pay a recompensa de suas virtudes na ternura, reconhecimento, e admiração dos Francezes.

Francezes! amigos, companheiros da desgraça, esqueçamo-nos de queixas, odios, e erros, vamos salvar a patria; abracemo-nos sobre as ruinas do nosso querido paiz; chamemos em nosso socorro o herdeiro de Henrique IV. e Luiz XIV., que venha limpar as lagrimas de seus filhos dar a felicidade á sua familia, e cobrir caritativo as nossas feridas com o manto de S. Luiz, ametade

rasgado com as nossas proprias maõs. Lembremo-nos que todos os males que soffremos, a perda dos bens, e dos exercitos, as calamidades da invasão, a carniceria de nossos filhos, a desordem, e a decomposiçaõ de toda a França, e a perda de nossas liberdades são obra só de um homem, e que ao contrario devemos todos os bens só a hum homem. Portanto façamos retener de todas as partes o unico grito, que nos pode salvar, grito usado por nossos pays na desgraça, e na victoria, e que será para nós o signal da paz, e da felicidade.

VIVA O REI.

BIBLIOTECA
24
JUN.
41
Nº de Reg 3.055

Impresso por W. Lewis, em St. John's-square, Londres.

32.
K10

WA 5122